

## A ORGANIZAÇÃO RETÓRICA MACROESTRUTURAL DE ARTIGOS DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA MIDIÁTICA PARA ADULTOS E PARA JOVENS: FATORES INFLUENTES

Maria Eduarda Giering (UNISINOS)

### Introdução

Este artigo parte de resultados dos projetos Organização Retórica de Textos de Divulgação Científica (ORTDC) e Divulgação Científica: Estrutura Retórica e Organização Textual (DCEROT), que têm como *corpora* artigos de divulgação científica midiática (doravante DC) dirigidos a adultos (120 textos) e a jovens (62 textos). O corpus adulto foi retirado das revistas eletrônicas *Scientific American Brasil*, *Ciência Hoje*, *Revista Pesquisa FAPESP* e dos Cadernos de Ciências dos jornais em versão eletrônica *Folha de São Paulo*, *O Estado de São Paulo* e *O Globo*; o infantil, das revistas eletrônicas *Ciência Hoje das Crianças*, *Recreio* e *Mundo Estranho* e no caderno *Folhinha* do jornal *Folha de São Paulo on-line*.

As pesquisas objetivaram, numa etapa quantitativa, investigar a distribuição probabilística da organização retórica dos artigos DC. Para esse estudo, adotou-se proposta de Bernárdez (1995), que vincula o modelo da *Rhetorical Structure Theory* (Mann e Thompson, 1988, 1992) à idéia de que a organização textual pode ser entendida como uma série de vias de continuidade, etiquetadas com relações *RST*. A Teoria, conforme os autores, oferece um modelo de enfoque cognitivo e de descrição de processos que permite tratar das tomadas de decisão do produtor implicadas na concepção de texto como configuração de estratégias e possibilita, de forma probabilística, prever as estratégias de formação do texto, num nível macroestrutural.

Nas pesquisas ORTDC e DCEROT, instituíram-se como unidade de análise segmentos contíguos de textos reduzíveis a uma macroproposição e assumiu-se a idéia de que os textos relacionados a um gênero de discurso têm particularidades quanto à sua organização retórica. No decorrer das investigações, constatou-se que a descrição das escolhas de vias de continuidade e das relações retóricas entre segmentos macroproposicionais dos artigos DC envolvia o conhecimento de uma série de fatores contextuais, entre eles, ressalta-se o fim discursivo dos textos, que varia especialmente conforme o público a que se dirige a publicação. Também é importante fator contextual o fato de os artigos dos *corpora* se encontrarem na intersecção dos contextos midiático, científico e didático, o que igualmente exerce influência sobre a organização retórica macroestrutural dos artigos.

### 1. Bernárdez e RST

O processo de análise a que se submeteu os *corpora* baseia-se no modelo oferecido pela *Rhetorical Structure Theory*, desenvolvido por um grupo de lingüistas norte-americanos encabeçados por William Mann e Sandra Thompson (1988). A escolha desse método deveu-se à proposta do lingüista textual E. Bernárdez (1995), que vincula a *RST* à idéia de que a organização textual pode ser entendida como uma série de vias de continuidade, etiquetadas com as relações da *RST*. A concepção de texto subjacente é a de que o texto é uma configuração de estratégias, sendo possível descrever que tipos de partes o compõem e os princípios de organização dessas partes no texto como um todo.

É dentro dessa perspectiva que acontece a adoção do modelo da *RST*, a fim de dar conta das relações entre níveis de informação do texto. A idéia é a de que o texto é construído a partir de objetos entre os quais se estabelecem relações de determinadas classes, destacando-se relações de dois tipos fundamentais: de “subordinação” e de “coordenação”. No texto, essas relações se especificam em relações (a) semânticas e (b) pragmáticas. As primeiras “enlaçam semanticamente partes do texto” (BERNÁRDEZ 1989, p.113); as segundas são estabelecidas conscientemente pelo produtor para conseguir que o leitor/ouvinte “faça algo”.<sup>1</sup>

<sup>1</sup> De acordo com a concepção do processo de formação do texto como ação, o produtor textual “faz algo” com o intuito de que o leitor/ouvinte “creia” em algo, “faça algo” etc. Para conseguir esse objetivo, deve eleger, entre as numerosas possibilidades que se lhe oferecem, as formas de “macroestruturar” seu texto, de organizá-lo ou de compô-lo. Essa eleição, afirma Bernárdez (1989), se dará de acordo com o que ele pensa ser mais adequado para alcançar seu objetivo (por exemplo, que o leitor creia no que ele, produtor, afirma). Para isso, o produtor tem, a sua disposição, um conjunto de estratégias textuais que lhe servem para estruturar o texto da forma que lhe parece a mais adequada. Na verdade, o produtor cria (macro)estruturas, aplicação que não se dá “mecanicamente”, como é o caso das regras da gramática oracional.

Tais partes ou unidades se organizam em núcleo e satélite, pressupondo que um texto é formado por dois níveis básicos de informação: o que contém a informação mais importante proporcionada pelo produtor, e o que encerra a informação secundária, ou seja, a informação que auxilia na compreensão, na aceitação da informação principal. As relações postuladas pela *RST* são: (a) de Apresentação - Antítese, Capacitação, Concessão, Evidência, Fundo, Justificativa, Motivação, Preparação, Reformulação, Resumo; (b) de Conteúdo - Alternativa, Causalidade, Circunstância, Condição, Elaboração, Avaliação, Método, Não-condicional, Propósito, Resultado, Solução, Comentário; (c) Multinucleares - Contraste, Lista, Reformulação, Sequência, União.

A análise permitida pelo modelo da *RST* atribui, assim, um papel e uma intenção a cada unidade de informação do texto, conferindo razão de existência a cada elemento, tendo em vista “o que o leitor de um texto deve julgar verdadeiro com o fim de estabelecer a relação entre as unidades textuais” (MANN, 1999, p. 7).

Bernárdez propõe a utilização do modelo *RST* vinculado à idéia de que a organização textual pode ser entendida como “uma série de vias ou opções de continuidade, etiquetadas com as relações apresentadas pela *RST*” (1995, p. 85). Trata-se das vias Apresentativa, Hipotática e Paratática, que correspondem às categorias Apresentação, Conteúdo e Multinuclear da *RST*.

## 2. Os resultados

Ao se estudar a organização retórica de artigos de divulgação científica midiática dirigidos a adultos e jovens, constatou-se que eles apresentam diferentes fins discursivos, os quais acarretam distintas organizações retóricas predominantes.

O divulgar (fazer-saber) foi o que predominou no corpus adulto: em 120 artigos, 116 artigos objetivavam o fazer-saber (divulgar resultados de uma pesquisa ou de uma descoberta de algum achado científico) contra 4 artigos de fim polemizar (fazer-crer) - apresentar alguma controvérsia sobre um tema científico. No corpus dirigido aos jovens, dos 62 artigos estudados, 25 apresentaram o fim de divulgar; 35, explicar (fazer-compreender) processos ou funções de um determinado tema que faz parte do cotidiano do leitor jovem, sob o viés científico; 2, defender uma tese (fazer-crer).

Nos artigos DC para crianças, constatou-se que os objetivos discursivos variavam consideravelmente em relação aos fins discursivos do corpus de texto dirigido a adultos: dos 62 artigos selecionados, 25 tinham fim discursivo fazer-saber; 35, fazer-compreender; 2, fazer-crer. Distinguiam-se, assim, de forma marcante, os artigos DC dos dois corpora dos Projetos, o que repercutiu fortemente na organização macroestrutural dos textos. Salienta-se, nos números precedentes, a grande presença de artigos que visam fazer-compreender<sup>2</sup>, o que não ocorreu entre os exemplares do corpus para adultos<sup>3</sup>.

Os textos de fim fazer-compreender se salientaram no corpus infantil não apenas por seu maior número em relação aos demais fins, mas principalmente por sua organização macroestrutural, que se revelou bastante diversa daquela de textos cujo objetivo é fazer-saber uma descoberta ou o resultado de uma pesquisa científica ou, ainda, daqueles cujo fim é fazer-crer.

O fim fazer-saber, predominante no corpus adulto, conduz o produtor a certa macro-organização de seu texto DC, ou seja, ele o estrutura retoricamente realizando ações (macroações) mais prováveis. Identificou-se que essa macro-organização se concretiza pela execução de macroações predominantes. Nos 116 artigos DC de fim fazer-saber, contabilizou-se: Elaboração (125)/ Resumo (95)/ Comentário (83)/ Preparação (58)/ Interpretação (42)/ Fundo (41). Quando se tratou dos quatro artigos de fim fazer-crer, houve a predominância da Preparação (3), do Resumo (3), da Evidência (3), da Elaboração (2), do Comentário (3), da Concessão (1). A relação de Evidência, que acontecia em menor grau nos artigos de fazer-saber – 3 ocorrências em 116 –, passou a predominar – 3 ocorrências em 4 artigos.

<sup>2</sup> Considera-se a visada “fazer-compreender” como aquela que caracteriza os textos não somente por “fazer-saber”, ou seja, por informar o leitor, mas, mais especificamente, pela intenção linguageira do produtor de modificar a percepção do leitor sobre determinado tema, implicando uma organização explicativa, conforme Coltier (1987). O “fazer-compreender” difere do fim instrucional, pois não remete a uma cronologia de atos a serem executados.

<sup>3</sup> O fato de não ocorrerem artigos DC de visada fazer-compreender no corpus dirigido a adultos não significa que textos com esse objetivo discursivo não sejam veiculados em revistas de divulgação científica endereçadas a esse público. A questão relevante é o porquê de eles não terem sido selecionados para o corpus. Na verdade, textos de visada fazer-compreender ocorrem em número muito restrito nas revistas selecionadas e não são veiculados na mesma seção dos artigos DC que informam sobre pesquisa ou descoberta científica. Algumas revistas (por exemplo, a *Scientific American* Brasil), inclusive, não publicam artigos com esse fim.

Verifica-se, portanto, que, no caso de haver alguma mudança quanto ao fim discursivo, outras macroações são exigidas, ainda que as relações retóricas acionadas para a execução do fazer-saber persistam (é o caso, por exemplo, da Preparação). Isso provavelmente acontece porque, ainda que esses artigos DC se centrem em fazer-criar o leitor numa controvérsia gerada no meio científico sobre determinada pesquisa ou descoberta, a polêmica é apresentada em função de resultados da pesquisa ou da descoberta apresentados ao leitor. Ou seja, os artigos de objetivo fazer-criar do corpus não deixaram de informar o leitor, tornando-se, assim, a divulgação dos resultados da pesquisa pano de fundo para a instalação da polêmica que geraram.

A organização retórica predominante dos artigos para crianças assinalou fortemente essas diferenças. Nos artigos de fim fazer-saber, ocorreram predominantemente: Preparação (21/25) – Elaboração (19/25 – Comentário (21/25); nos de fazer-compreender, Preparação (16/35) – Solução (35/35) – Comentário (30/35); nos de fazer-criar, Preparação (2/2) – Fundo (1/2) – Avaliação (1/2) – Solução (1/2).

Ao se focar o motivo de o corpus infantil ter diferido tão marcadamente do corpus dirigido ao público adulto quanto aos objetivos discursivos e quanto a sua organização retórica predominante, foi indispensável considerar um dado externo ao texto, advindo da interação entre os sujeitos, isto é, o fato de os textos se dirigirem ao destinatário criança, fator que influenciou os objetivos do produtor textual e, conseqüentemente, as escolhas do produtor. Para o adulto, prevalecia o intuito de informar, divulgar uma pesquisa ou descoberta científica ou, em menor grau, apresentar uma controvérsia a partir de resultados. Em se tratando de público infantil, o surgimento de número considerável de textos de fim fazer-compreender apontou para a intenção de explicar processos ou funções de um determinado tema curioso ou que faz parte do cotidiano do leitor jovem, sob o viés científico. Ou seja, neste caso, o objetivo do produtor passou a ser o de interrogar uma evidência ou resolver um enigma, transformando “o fenômeno problemático em fenômeno normal” (COLTIER, 1987, p.9). Evidenciou-se, portanto, na figura do destinatário a quem se dirigiam os textos, o papel crucial do contexto de interação na estrutura organizacional do texto. Ao objetivo discursivo do produtor do texto para crianças corresponde uma mudança de contexto. O texto assume uma clara dimensão educativa.

As ações recorrentes do produtor muito freqüentemente não se constituem em verdadeiras opções, mas em obrigações do produtor dentro de certo gênero de discurso. Se o produtor do artigo científico precisa explicar cientificamente um fenômeno natural, por exemplo, ele necessariamente organizará segmentos proposicionais que comportam um problema e uma solução, os quais, unidos, dão lugar à relação de Solução. O que variam são as decisões do produtor sobre relações que antecedem ou seguem a de Solução. Mas a relação de Solução é obrigatória. No caso do artigo DC para jovens, por exemplo, constatou-se que as relações de Preparação (22/35), Fundo (2/35), Circunstância (1/35) ou Resumo (2/35) podem anteceder a relação de Solução<sup>4</sup>. Ou seja, conforme os efeitos que quer produzir no leitor, o produtor opta por determinadas relações. Por exemplo, se há necessidade de fornecer dados que contextualizem a explicação propriamente dita, o produtor pode optar por estabelecer uma relação de Fundo, que se articula com a relação de Solução. Se ele precisa motivar o leitor para a leitura ou para a continuidade dela, pode optar pela relação de Preparação, que vai, então, sempre anteceder a relação de Solução. Esse tipo de decisão é opcional e variará de acordo com a necessidade identificada pelo produtor, considerando sua percepção do destinatário, do contexto e do gênero discursivo em questão. Saliente-se que as relações variam, mas dentro de uma determinada série limitada de possibilidades.

Para ilustrar os resultados apresentados, seguem as análises de dois artigos DC dos corpora. O primeiro, do projeto ORTDC, foi publicado na Folha de São Paulo on-line e se dirige a um público adulto. O segundo, que pertence ao projeto DCEROT, foi produzido pelos cientistas Carina Marciela Mews e Neucir Szinwelski (2008), do Departamento de Biologia Animal da Universidade Federal de Viçosa, e, publicado na revista *Ciência Hoje para as crianças on-line*. Saliente-se que os textos transcritos apresentam seus segmentos numerados, inclusive o título, a fim de facilitar a análise.

(1) ARAUCÁRIA RESISTE A FRAGMENTAÇÃO DE FLORESTA, REVELA ANÁLISE DE DNA

(2) Como ecossistema, a situação da mata de araucárias da região Sul do Brasil é indiscutivelmente calamitosa. (3) Mas um estudo feito por uma pesquisadora brasileira na Universidade de Reading (Reino Unido) sugere que a árvore-símbolo da mata consegue manter parte de sua diversidade genética mesmo quando é isolada em bolsões de poucos indivíduos.

<sup>4</sup> No corpus, há 8 artigos em que a relação de Solução aparece como relação retórica que introduz o texto.

(4) A agrônoma paranaense Juliana Bittencourt, 31, estudou o DNA das sementes de araucária (*Araucaria angustifolia*) em três situações. (5) Na primeira, as árvores faziam parte de um grande fragmento de mata, com cerca de 4.000 hectares, numa reserva indígena. (6) Na segunda, estavam em pequenos fragmentos, de poucas dezenas de hectares. (7) E, na ponta mais modesta do espectro, plantas que estavam em "ilhas" de quatro ou cinco indivíduos, ou mesmo de uma árvore só.

(8) Aliás, o que o estudo parece ter demonstrado é que esse isolamento completo pode ser ilusório. (9) Por meio dos chamados microssatélites, regiões repetitivas das "letras" químicas do DNA que variam de forma clara de um indivíduo para outro, Bittencourt pode realizar uma bateria de "testes de paternidade" para as sementes. (10) E descobriu que, em 75% dos casos, as árvores isoladas estavam "tendo filhos" com plantas a quilômetros de distância.

(11) Isso é possível porque o pólen das araucárias viaja pelo vento. (12) "Embora elas não estejam ligadas fisicamente, existe uma conectividade funcional entre elas", disse a pesquisadora à Folha. (13) Ela chegou a flagrar casos em que o pólen cruzou cinco quilômetros.

(14) O achado é importante porque o grande temor em relação às espécies que habitam uma paisagem retalhada é a perda de diversidade genética, já que só seriam capazes de se reproduzir dentro de um espaço exíguo, com parentes próximos. (15) As araucárias, por enquanto, parecem estar escapando desse destino (RJL) (FOLHA DE SÃO PAULO ON LINE, 2006).

O texto trata dos resultados do estudo da pesquisadora brasileira Juliana Bittencourt sobre a manutenção da diversidade genética das araucárias, dos detalhes metodológicos da pesquisa e da relevância acadêmica e social da investigação. O fim discursivo é divulgar (fazer-saber) essa informação: que pesquisa que analisou o DNA de araucárias revelou que elas conseguem manter parte de sua diversidade genética, mesmo quando isolada em bolsões de poucos indivíduos.

Para concretizar o fim discursivo, observam-se as seguintes macroações do produtor, conforme a análise do leitor-analista:

**MACROAÇÃO 1** – Estabelece-se uma relação de Resumo, da via Apresentativa: o núcleo está no título (1) e o satélite compreende o texto todo (2 a 15). As informações trazidas no satélite permitem ao leitor compreender o conteúdo do núcleo. É plausível afirmar que o produtor apresenta uma informação no título que resume o conteúdo do artigo.

**MACROAÇÃO 2** – Estabelece-se uma relação de Elaboração, da via Hipotática: o núcleo encontra-se entre os segmentos 2 e 3. O satélite desta relação compreende os segmentos 4 a 13, nos quais o produtor procura detalhar a informação central apresentada no núcleo, ou seja, depois de trazer a síntese temática do texto no núcleo, o produtor fornece, no satélite, informações sobre a identidade da pesquisadora, o corpus, a metodologia de análise e os resultados da pesquisa, permitindo ao leitor conhecimento mais detalhado da pesquisa.

**MACROAÇÃO 3** – Estabelece-se uma relação de Comentário, da via Hipotática: o núcleo está nos segmentos 2 a 13, ou seja, na própria relação antecedente de Elaboração. Já o satélite encontra-se nas duas últimas proposições do texto: nos segmentos 14 e 15. Nessa relação de Comentário, o produtor apresenta uma observação que não fora explicitada na relação de Elaboração anterior: ele tece comentário sobre a relevância da pesquisa, dando a conhecer ao leitor a importância acadêmica e social da investigação.

(1) POR QUE ALGUNS INSETOS CANTAM?

(2) Saiba como várias espécies produzem sons e por que só alguns podem ser ouvidos pelo homem

(3) Você provavelmente conhece o barulho de uma cigarra ou de um grilo. (4) Mas será que já se perguntou por que esses insetos cantam e outros não? (5) Se você é um curioso nesta área, veio ao texto certo!

(6) Muitos insetos produzem sons, mas só alguns deles podem ser ouvidos pelo homem. (7) Para captar a explicação a seguir, você precisa saber que hertz (Hz) é a unidade de medida do som. (8) Agora, entenda: o nosso aparelho auditivo capta sons na frequência de 20Hz a 20.000Hz, enquanto os insetos produzem sons numa frequência que varia de 1Hz e 100kHz. (9) Eis a razão pela qual só ouvimos alguns insetos.

(10) O som produzido por cada espécie é único, fundamental para machos adultos se comunicarem com fêmeas adultas da sua espécie: é, digamos, uma cantada para que ocorra o acasalamento, a reprodução. (11) Além disso, a "cantoria" é importante também para a comunicação entre insetos de diferentes espécies, pode soar como um alerta para se defenderem de predadores.

(12) O som produzido pelos insetos pode vir da expulsão de ar através dos espiráculos (orifícios localizados na lateral do corpo, responsáveis pela respiração), que é um mecanismo comum em baratas e borboletas. (13) A percussão é outra forma de produção de som e se caracteriza por batidas contra a madeira úmida, método utilizado por cupins e besouros. (14) O bater de asas é mais uma maneira de fazer o som ecoar e é comum entre abelhas, moscas e mosquitos (quem já foi perturbado pelo zumbido de um mosquito na hora de dormir sabe bem do que se trata!). (15) Os gafanhotos produzem som por estridulação, ou seja, friccionando as pernas. (16) A estridulação dos grilos e das esperanças é diferente, provém da fricção das asas.

(17) Os tímpanos são as membranas responsáveis pela captação do som pelos insetos, sendo que nas cigarras os tímpanos também servem para a produção do som. (18) É isso aí: aquele barulho inconfundível das cigarras resulta de sequências de contração e relaxamento dos tímpanos desses animais. (19) Quem diria, hein?!

(20) Aposto que agora, ao ouvir o som de um inseto, você não só vai se perguntar quem está “cantando” como vai tentar se lembrar de que maneira o barulho está sendo produzido! (MEWS, C.M.; SZINWELSKI, 2008)

Este artigo, que trata de como várias espécies de insetos produzem sons e do porquê de apenas alguns se tornarem audíveis pelo homem, tem como finalidade explicar como acontece esse fenômeno natural. Com a explicação, o artigo objetiva modificar a percepção que o leitor mirim tem do fato.

Para concretizar o fim de fazer-compreender, observam-se as seguintes macroações do produtor, conforme considerações do leitor-analista:

**MACROAÇÃO 1** – Estabelece-se uma relação de Solução: o núcleo (N) situa-se entre os segmentos 6 a 19, e o satélite (S) entre os segmentos 1 a 5. No satélite, encontra-se o problema apresentado; no núcleo, expõe-se a solução para o problema, cabendo ao leitor reconhecer que N traz a solução para o problema em S. O título e o subtítulo assim como o primeiro parágrafo trazem perguntas diretas e indiretas sobre o fenômeno do canto de alguns insetos, como a cigarra e o grilo, e sobre sua audição pelo ouvido humano. Dos segmentos 6 a 19, descrevem-se os mecanismos de produção de som de diversos insetos e se esclarece a inaudibilidade de alguns deles, o que se relaciona com a incapacidade do ouvido humano de captar sons de baixa frequência.

**MACROAÇÃO 2** – Estabelece-se uma relação de Comentário: o satélite está nos segmentos 1 a 19; o núcleo, no segmento 20. Nessa relação de Comentário, o produtor, valendo-se do conhecimento exposto no segmento nuclear da relação de Solução, implica o leitor quanto a uma nova atitude que ele poderá ter ao ouvir barulho produzido por um inseto, agora que já tem informações científicas sobre os insetos e seus sons.

O texto se macro-organiza, assim, em torno dessas duas macroações: a de relacionar as informações de modo a estabelecer uma relação de Solução, o que implica propor a pergunta e expor a solução; a de apresentar um Comentário, que se constitui de uma nota subjetiva do produtor, na qual ele “aposta” numa nova atitude do leitor, tendo em vista a modificação de sua percepção do fenômeno do som dos insetos.

Comparando os dois textos, evidencia-se a estreita relação entre fim discursivo e macroorganização retórica, a segunda variando conforme exigência do primeiro. Já se disse que o artigo DC se encontra na confluência de três diferentes contextos: o midiático, científico e didático. No artigo dirigido a adultos, mostra-se a predominância do fim de informar. O artigo traz uma sequência de dados que releva a organização do artigo científico: introdução, materiais e métodos, resultados e discussão dos resultados, apontando para a forte influência do contexto científico. Ao mesmo tempo, o artigo se configura de acordo com as partes da notícia: título, lead, corpo da notícia. No artigo direcionado às crianças, por outro lado, predomina o explicar, indicando que, neste caso, é o contexto didático que atua decisivamente sobre a determinação do fim discursivo. A macroorganização peculiar dos artigos de fim fazer compreender, diferente daquela que se realiza nos textos de fazer-saber ou fazer-criar, leva a se postular que se está diante de um gênero textual diferenciado daquele do artigo DC de fim discursivo fazer-saber, que manifesta a organização da notícia atravessada pela do artigo científico.

## Conclusão

Constatou-se que a descrição das escolhas de vias de continuidade e das relações retóricas entre segmentos macroproposicionais dos artigos DC envolve fatores contextuais. Entre eles, ressalta-se o fim discursivo dos textos, o que remete à idéia de contrato de comunicação (CHARAUDEAU, 2008), por meio do qual se estabelecem as convenções, as normas, os acordos que regulam as trocas de linguagem, e a

existência de saberes comuns entre os interlocutores. É o fim discursivo do texto, inserido num contrato de comunicação, que permite dar conta do todo.

No caso das pesquisas empreendidas, ter em conta os diferentes fins discursivos dos textos DC, produzidos na intersecção dos contextos midiático, científico e didático, permite observar, de forma integrada, as macroações do produtor, todas elas direcionadas para a concretização do fim determinado. Assim, se reconhece, nas diversas opções do produtor, uma intencionalidade, a qual é também, de certa forma, determinada pelo contrato.

Verifica-se, portanto, que, para dar conta das relações retóricas dos textos, identificando as relações RTS, é preciso ter em conta, como define Bernárdez (1995, p.163), que o texto é uma configuração de estratégias, as quais são “uma sucessão de ações que conduzem a um objetivo específico dependentemente de condições contextuais”.

As decisões do produtor por certas relações retóricas que macroorganizam as informações do texto não se dão apenas por razões hierárquicas estabelecidas entre segmentos do texto. É o produtor quem decide por uma determinada relação tendo em conta sua funcionalidade, pois a característica que todas as relações retóricas partilham é a de apresentarem categorias de efeitos a serem produzidos no leitor. No entanto, a opção de produzir este ou aquele efeito dependerá da adequação ao contexto de situação e às possibilidades ligadas ao gênero de discurso em questão.

### Referências bibliográficas

BERNÁRDEZ, E. *Teoría y epistemología del texto*. Madrid: Cátedra, 1995.

\_\_\_\_\_. Las macroestructuras textuales como objeto del estudio lingüístico. *Actas de las I Jornadas e lengua y Literatura Inglesa y Norteamericana*. p. 107-119. 1989.

CHARAUDEAU, P. *Linguagem e discurso: modos de organização*. São Paulo: Contexto, 2008.

COLTIER, D. *Approches du texte explicatif. Pratiques*, n.51, p. 3-22, 1986.

FOLHA DE SÃO PAULO ON-LINE. Araucária resiste a fragmentação da floresta, revela análise de DNA. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ciencia/fe2703200602.htm>>. Acesso em: 3 maio 2006.

MANN, B. *Introducción a la Teoría de la Estructura Retórica* (Rhetorical Structure Theory: RST), agosto 1999. Atualizado em setembro 2000. Disponível em <<http://www.sil.org/~mannb/rst/spintro.htm>>. Acesso em: 8 jul. 2004.

MANN, W.C. e THOMPSON, S.A. *Rhetorical Structure Theory: toward a functional theory of text organization*. *Text* 8, v. 3, p. 243-281, 1988.

MANN, W.C.; MATTHIESSEN, C.M.I.M.; THOMPSON, S. A. Rhetorical Structure Theory and Text Analysis. In: MANN, W.C. & THOMPSON, S.A. *Discourse description: diverse linguistic analyses of a fund-raising text*. Amsterdam, John Benjamins, p. 39-77, 1992.

MEWS, C.M.; SZINWELSKI, N. 2008. Por que alguns insetos cantam? *Ciência Hoje das crianças on-line*. Disponível em <<http://cienciahoje.uol.com.br/114996>>. Acesso em: 18 abril 2008.